

## AS LOUCURAS DO AMOR: DEVASTAÇÕES, ARREBATAMENTOS, PAIXÕES DESMEDIDAS, CIÚMES, INFIDELIDADES

Dupla coordenadora: Jorge Bafico – Marcelo González Imaz

Integrantes: Natalia Rodríguez, Florencia Fernández, Silvia Bottazzi, Ana Inés Bertón, Estela Nova, Rosana Cambre. Javier Grotiuz, Diego Real, María José Maruri, María Fernanda Martínez, Leticia Reina.

“O amor é uma experiência comum entre duas pessoas. Mas o fato de ser uma experiência comum não quer dizer que seja uma experiência similar para as duas partes afetadas. Há o amante e há o amado, e cada um deles provém de regiões distintas”.<sup>1</sup>

Iniciaremos estas reflexões sobre algumas das manifestações singulares que também são próprias do amor, como as devastações, os arrebatamentos, as paixões desmedidas, os ciúmes e as infidelidades.

Freud, em *Psicologia das massas e análise do eu*, propõe que os “Traços de humildade, de restrição do narcisismo e de *self-injury* estão presentes em todo caso de enamoramento; em caso extremo, são apenas aumentados”.<sup>2</sup>

Na mesma linha, Jacques–Alain Miller afirma que o amor é em essência louco, porque está mais além do ter,<sup>3</sup> e assinala que, na medida em que a demanda de amor dirigida ao Outro supera o limite fálico, pode retornar como um excesso.

Excessos, estridências, erupções que aparecem com maior frequência nestes tempos manifestariam uma declinação do Nome do Pai na função reguladora do falo, deixando o gozo à deriva e extraviado.

---

<sup>1</sup> McCullers, C. (2014). *La balada del café triste*. Barcelona: Austral.

<sup>2</sup> Freud, S. (2011). *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. In: *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. p.55.

<sup>3</sup> Miller, J-A. (2008). *El partenaire-síntoma*. Buenos Aires: Paidós. p. 290.

## Devastações

A noção de devastação nas relações entre homens e mulheres surge no último ensino de Lacan e toma como referência as fórmulas da sexuação. Concretamente, Lacan afirma que o homem é uma devastação para a mulher.<sup>4</sup>

Miller tem dado algumas indicações esclarecedoras sobre a devastação e o amor. Assinala que ambos compartilham do mesmo princípio: S de A barrado, quer dizer, que ambos estão na função da falta do Outro.<sup>5</sup>

O amor adquire a forma de uma demanda dirigida à falta do Outro, aponta ao Outro não poder dar, mas que igualmente lhe é pedido. Por mais louco que pareça o que é demandado, o Outro não pode se esquivar de uma resposta.

Quem se localiza do lado mulher tem uma maior plasticidade na hora de se relacionar com os homens, pode fazê-lo com distintos tipos de homens, porque a condição para elas não se encontra na rigidez da fantasia fundamental, senão em fazer-se amar. A mulher se dirige ao Outro barrado (S (A/)) em busca do amor. E, na medida em que são amadas, as mulheres acedem a se incluir na fantasia do parceiro de modo a assegurar-se de ser a causa de seu amor e seu desejo.

A devastação, precisa Miller, “é exatamente a outra cara do amor. (...) é a face do gozo do amor”.<sup>6</sup>

Quer dizer que, nesse trajeto através do qual a mulher se dirige ao homem em busca de ser amada, o homem pode-se converter numa devastação se se produz o encontro com um gozo que não esteja submetido à lógica fálica.

---

<sup>4</sup> Lacan, J. (2006). *El Seminario. Libro 23. El sinthome*. Buenos Aires: Paidós, p. 99.

<sup>5</sup> Miller, J-A. (2008). *El partenaire-sintoma*. Buenos Aires: Paidós. p. 276.

<sup>6</sup> Ídem.

Assim, pode-se entender a devastação como a outra face do amor, ambos compartilham o princípio do S do A barrado na medida em que o amor se dirige a procurá-lo no Outro, mas como resposta pode encontrar o sem limite, o não-todo que caracteriza a devastação como a presença de um gozo não simbolizado pelo Nome do Pai.

### **Arrebatamentos**

O conceito de arrebatamento (*ravissement*) foi abordado por Lacan em *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*,<sup>7</sup> a protagonista é referida como uma figura ferida e exiliada das coisas, estando fora de si como sujeito. Seguindo a colocação de Lacan no seminário *Mais, ainda*,<sup>8</sup> o arrebatamento é uma modalidade feminina que se apresenta tanto nas neuroses como nas psicoses ou nas perversões. Se orienta, mais além de seus matizes, pelo que d'A Mulher não se pode dizer, isto é, se orienta pelos limites do discurso mesmo. Estamos no terreno do gozo feminino, essa paixão que vai mais além do Um fálico e da palavra, e que tampouco consegue se condensar no semblante que recupera o gozo separado do corpo, ao que chamamos de objeto *a*.

Entretanto, tal como coloca Marie-Hélène Brousse, a clínica nos permita encontrar diferentes modos de “saber-fazer” com o impossível de dizer. O apresenta sob a tríada das três R (*ruse, ravage et ravissement*), a saber, astúcia, devastação e arrebatamento, e diz: “constituem um saber fazer nisso que, desdobrando-se no universo do discurso do inconsciente, a partir do laço social, visa e designa um vazio que constitui a ausência do *rapport*.”<sup>9</sup>

Mas enquanto a astúcia implicaria um saber da falta e sua aceitação e a devastação implicaria colocar como ponto central o valor fálico, atacando-o, o arrebatamento teria a ver com a presença de uma vacuidade corporal da ordem do indizível, que exila do laço com o Outro e seus semelhantes. Essa experiência de vacuidade no corpo, tal como nos ensina Maria Cristina Giraldo em seu testemunho de passe *A voz opaca*, a experiência corporal do arrebatamento está feita da mesma substância gozante que a do êxtase: “Nessa paixão da

---

<sup>7</sup> Lacan, J. (2003). Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

<sup>8</sup> Lacan, J. (1992). *El Seminario. Libro 20. Aun*. Buenos Aires: Paidós. pp. 90-93.

<sup>9</sup> Brousse, M. H. (2009). *Savoir faire feminino com o rapport sexual: astúcia, devastação, arrebatamento*. *Arteira*, 2. p.112.

alienação que é o arrebatamento, meu corpo caía devastado pelo sofrimento e nessa outra paixão da separação que é o êxtase, caía suspendida num estado de loucura gozosa dos sentidos”.<sup>10</sup>

Essa vacuidade no corpo, tal como nos lembra Lacan, busca se escrever. Essa tentativa de inscrição de um vazio, pode se entender como uma tentativa de solda que comprometeria a eleição de virar um corpo com o simbólico; é por isso que o arrebatamento poderia se pensar como uma solução feminina, dado que, desde a inscrição da vacuidade no corpo, se tenta fazer ingressar no campo do discurso aquilo que lhe é heterogêneo à lei sexual.

### **Paixões desmedidas**

Que condições de amor estão em jogo nos discursos contemporâneos? Esses discursos têm efeitos nos sujeitos, em suas modalidades sintomáticas e seus gozos? Nossa escuta dos adolescentes: deveria então conotar algo do “novo” a nível da transferência que estivesse em concordância com a subjetividade da época?

Se algo caracteriza a passagem adolescente, é o encontro com o enigmático da sexualidade e a experiência do amor. Suas respostas, muitas vezes se produzem desde uma vertente narcisista, do laço ao outro ou na sua face de amódio. Em muitos casos, as respostas são no estilo da “jovem homossexual”, que se dirigem a uma pura imagem de tela e passam pela decepção até terminar num *acting out* ou passagem ao ato.

No entanto, falar das “adolescências” sempre implica ter presente que não há uma forma universal de responder ao enigma do sexo. Tentar unificar ou normalizar ditas respostas teria efeitos segregativos. Entendemos que certos discursos de “liberdade”, e de “ausência de condicionamentos”, operam em muitos casos desde seu reverso, encarnando um novo mestre, que paradoxalmente propõe um “poliamor”, ou um “amor livre”; que, no que se refere à possibilidade de alojar os gozos, produzem um efeito contrário. Nesse sentido, uma

---

<sup>10</sup> Giraldo, M. C. (2017). “La voz opaca”. En: Bitacora Lacaniana, No. extraordinario, Violencia y explosión de lo real. *Revista de Psicoanálisis de la NEL*. p. 53.

adolescente se pergunta no divã: “Será que há lugar para minha forma de amar, talvez clássica, mas não por isso menos válida?”.

Poderíamos dizer que, para além dos transbordamentos, as paixões do ser se orientam a um Outro, ou tentam construí-lo. Os transbordamentos do amor, o ódio ou, inclusive, a ignorância permitem inventar ali o Outro da transferência. Talvez não ao modo do sujeito suposto saber, mas, sim, o de alguém que é capaz de alojar um modo de ex-sistência singular.

## **Ciúmes**

Os ciúmes são uma referência constante na vida amorosa, o que permite defini-los como um fenômeno trans-estrutural: podem se localizar tanto na neurose como na psicose.

Isso é algo que podemos pesquisar em Freud, quando ele divide os ciúmes em três categorias.

<sup>11</sup> Os ciúmes normais se remontam aos afetos infantis que estão em jogo no complexo de Édipo, e se relacionam com a perda do objeto amado e o ódio pelo rival preferido. São vivenciados de maneira bissexual.

Os ciúmes projetados partem da própria infidelidade, pensada ou consumada, que por ter sido recalçada retorna sob a forma de novas tentações, que são aliviadas mediante a projeção da infidelidade ao parceiro.

Por último, os ciúmes delirantes estão relacionados às infidelidades, mas com objetos do mesmo sexo. São uma defesa contra a homossexualidade e Freud os localiza na categoria da paranoia.

---

<sup>11</sup> Freud, S. (1988). Sobre algunos mecanismos neuróticos en los ciúmes, la paranoia y la homosexualidad. In: *Obras completas*. Vol. XVIII. Buenos Aires: Amorrortu.

Mais além disso, a clínica nos indica que os ciúmes existem ainda em situações nas quais a infidelidade não tem se apresentado. Essa característica os faria infundados. Embora, tal como assinalou Nepomiachi,<sup>12</sup> os ciúmes sejam fundados.

Se originam na falta de uma referência simbólica que permitiria aos sujeitos se orientarem na relação entre os sexos. Os ciúmes têm sua ancora nesse buraco simbólico que gera a incerteza a respeito do parceiro.

Por causa da virtualidade e do uso massivo das redes como modo privilegiado de fazer laço, hoje encontramos nos ciúmes um motivo recorrente pelo qual se demanda uma análise.

Considerando o irredutível dos ciúmes e a proliferação da virtualidade, a época nos confronta com uma encruzilhada clínica. A incerteza própria do laço mediatizado pelas redes sociais, por meio da qual se requer constantes signos de amor do parceiro, pode transformar esses signos em signos que confirmem os ciúmes. Desse modo, à incerteza própria dos ciúmes soma-se a incerteza dos laços virtuais, uma combinação que pode converter os ciúmes em verdadeiras loucuras de amor.

## **Infidelidade**

Ressoa o privativo. O prefixo “in” adianta-se para negar o fiel, o leal, o que escolhe a senda de acreditar no outro. Marca da carência, do que não há.

Fidelidade é guardar lealdade a uma crença. Existem pactos aos quais se deve ser fiel: convênios, acordos; traçados por escrito ou mediante a palavra. Pactos legais, como o matrimônio, e também outros pactos amorosos.

Lacan retoma o filósofo Proudhon para falar sobre o compromisso da palavra:

---

<sup>12</sup> Nepomiachi, R. (1990). *Los ciúmes en la vida amorosa*. Recuperado de: <http://www.revconsecuencias.com.ar/ediciones/020/template.php?file=arts/Alcances/Los-ciúmes-en-la-vida-amorosa.html>

O pacto da palavra vai, pois, bem além da relação individual e de suas vicissitudes imaginárias – não é preciso ir procurar muito longe na experiência para apreender isto. Há, porém, conflito entre este pacto simbólico e as relações imaginárias que proliferam espontaneamente no interior de qualquer relação libidinal, ainda mais quando intervém aquilo que é da ordem da *Verliebtheit*.<sup>13</sup>

Na atualidade, nas novas modalidades de fazer laço – em casais poliamorosos, por exemplo – existe a infidelidade?

Existem os acordos; normas entre dois, que se presentificam quando a relação quer se “abrir” a outros parceiros sexuais. “Está permitido ter outras histórias, mas é necessário contá-las, (...) está permitido ter outras histórias, mas incluindo o parceiro”.<sup>14</sup> Assim versam alguns acordos poliamorosos.

Com as novas formas de fazer laços amorosos, com novos pactos, pode-se falar de novas infidelidades?

A fidelidade ao modo de gozo contempla estratégias sintomáticas que têm dado lugar a grandes invenções. Invenções para cada um, mas sustentadas em comunidades de gozo.

A fidelidade à palavra dá lugar a leis que tentam abarcar as contingências da vida, também na montagem de um laço amoroso.

O corpo se presta, a um ou ao outro, para amarrar isso da pulsão que sempre excede e que não fica no delimitado, traduzido no marco de um gozo que seja fálico.

E aparecem construções que, a partir o imaginário, nos convidam a evitar certos limites que são laços irremediáveis para o sujeito assujeitado à realidade da época.

---

<sup>13</sup> Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 327.

<sup>14</sup> Tenenbaum, T. (2019). *El fin del amor. Querer y coger*. Buenos Aires: Paidós. p. 129.

Mas a abertura, o abrir ao laço amoroso, traz suas consequências na leitura do ambivalente (amor-ódio) que a invenção de cada um carrega.

Essas invenções de fidelidade não são infidelidades ao modo de gozo singular?

### **Reflexões finais**

Ao mesmo tempo que o falo tem se debilitado como regulador das relações entre os sexos, têm surgido os acordos poliamorosos nos casais. A isso devemos acrescentar que vivemos imersos num tempo marcado pelo efêmero de um Outro que se constrói nas redes sociais, com a necessidade permanente de renovar os *likes* obtidos.

Estamos diante de um cenário no qual há uma maior presença do gozo em detrimento do amor, e onde as loucuras de amor parecem proliferar.

As devastações aumentam como contrapartida ao gozo do amor.

O arrebatamento é atemporal, já que em todas suas definições – arrancar, encantar, extasiar, enfurecer – continua mostrando o desterro do laço com o Outro, produzindo não somente o desencontro, senão também a loucura da dor impossível de dizer.

O transbordamento das paixões parece mais frequente nos sujeitos que não se dirigem a um Outro do saber, o desafio é encontrar, para cada um, a forma de alojá-los transferencialmente.

A incerteza estrutural dos ciúmes se vê potenciada por um Outro reticente a dar seus signos.

As novas infidelidades nos acordos poliamorosos atuais parecem ser novas formas de vestir simbolicamente a fidelidade a uma distribuição de modos de gozo entre homens e mulheres.

Tradução: Ernesto Anzalone

Revisão: Silvia Barbosa

## **Bibliografía complementar**

Bassols, M. *El Otro digital y sus síntomas*. Recuperado de:  
<http://miquelbassols.blogspot.com/2017/02/preguntas-realizadas-por-gisela-smania.html>

Brodsky, G. *Un amor más digno*. Recuperado de:  
<http://x-enapol.org/blog/portfolio-items/un-amor-mas-digno/>

Lacan, J. (2002). La agresividad en psicoanálisis. In: *Escritos I*. Buenos Aires: SXXI Editores.

Lacan, J. (1981). *El seminario Libro I. Los escritos técnicos de Freud*. Buenos Aires: Paidós.

Laurent, E. (2002). *Los objetos de la pasión*. Buenos Aires: Tres Haches.

Miller, J.-A. (1998). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.